

# O processo de criação

**Nelson Guimarães Proença**

Recentemente, participei de uma reunião da Academia de Letras de Campos do Jordão, durante a qual foram recebidos dois poetas contemporâneos, Donizete Galvão e Ruy Proença. Este, por sinal, meu filho.

A Presidente da Academia, Professora Maria José Ávila, solicitou-me que apresentasse e saudasse os convidados, em nome da Instituição. Para cumprir a tarefa, levei em conta os temas que seriam por eles abordados. Donizete escolheu “O Processo Poético” e Ruy, “Antevisão e Retrovisor”. Ambos, portanto, abordando de modo diferente o quanto há de dinamismo na poesia. Olhando para trás — “o que era”. E para a frente — “o que vai ser”.

Após ter feito a adequada apresentação, recordei e compartilhei com os presentes, de viva voz, um momento que marcou muito meu modo de ver as coisas que acontecem ao nosso redor.

O episódio que vou narrar ocorreu em 1985. Na ocasião, eu presidia a Associação Médica Brasileira e havia sido convidado para participar da Sessão Solene de Inauguração de um Congresso, realizado em São Paulo, pela Associação dos Médicos da Indústria Farmacêutica. O conferencista principal era uma notável figura da Medicina Brasileira, o Professor Mário Rigatto, de Porto Alegre. Além de médico, ele era também um homem de letras. Escolheu como tema, para sua apresentação, exatamente “O Processo de Criação”. Na referida sessão da Academia de Letras de Campos do Jordão, procurei reproduzir suas ideias, não talvez como ele as tenha transmitido, mas, sim, como as gravei em minha memória.

Vejamos.

A criação, em qualquer campo do conhecimento humano, pode nascer de dois modos diferentes. Vamos imaginar a existência de dois planos perpendiculares entre si: um vertical, o outro horizontal.

Um dos modos de criar é “vertical”. Aqui, procura-se respeitar uma linha já consagrada. As gerações se sucedem, buscando a melhoria progressiva daquilo que o senso comum já aceitou. A criação, neste caso, consiste mais em aperfeiçoar o que já existe do que propriamente em criar algo novo. É válido que assim se proceda. Contudo, com o tempo, as gerações que se sucedem serão sempre fiéis, e retornando às origens. Verticalidade.

A outra maneira de criar é o empenho em buscar o novo, a partir de uma perspectiva “horizontal”. Nesse caso, a pessoa se afasta da verticalidade, coloca-se de lado e passa a ter uma visão crítica do todo já aceito como definitivo. Do todo que é “vertical”, busca-se agora novas formas de abordar o objeto de seu estudo e também da sua prática. Traz, para o mundo e para a humanidade, um modo novo de conhecer as coisas e, portanto, uma nova prática. Horizontalidade.

Na essência, foram estas as ideias transmitidas por Mário Rigatto. Gostei e as incorporei ao meu modo de ver as coisas do mundo. Ajudaram-me a desenvolver uma visão mais crítica sobre o que acontece. Pois, como diz a sabedoria chinesa, “no mundo existe a minha verdade, existe a sua verdade e existe A Verdade”.

É claro que a visão crítica do todo, e, por consequência, o surgimento de uma nova proposta que transmita outra visão sobre o mundo e sobre a sociedade, representa uma ruptura com o convencional. Provoca reações, por vezes extremadas, de inconformismo e de incompreensão, por parte dos contemporâneos. Que o digam Galileu, Charles Darwin, Albert Einstein.

Na cultura e na arte, a coexistência do antigo e do novo, do “vertical” e do “horizontal”, faz parte da história da humanidade. Através do tempo, as rupturas se sucedem, em todos os campos do conhecimento. Sempre surgem novas propostas, culturais ou científicas. As pertinentes, realmente inovadoras, são incorporadas pela sociedade. Introduzem um modo novo nas relações interpessoais e entre as pessoas e o mundo que as envolve. São propostas que duram, até que nova ruptura ocorra e algo as suceda.

No Brasil, o grande momento da ruptura com a “verticalidade”, nos campos da cultura e das artes, foi a Semana de Arte

Moderna, de 1922. Um marco em nossa trajetória cultural. Um momento “horizontal” da cultura e da arte, um momento de ruptura. Em relação a mim, posso dizer que recebi forte influência, nos anos 1940, por parte de escritores e poetas, pintores e arquitetos, que trouxeram para minha formação os conceitos de modernidade originados naquela Semana.

O que era “o novo”, em 1922, não vence a barreira do tempo. Por sua vez, a “modernidade de 1922” passa a ser uma expressão “vertical” da cultura. Mais cedo ou mais tarde, um novo salto ocorre. Cedo ou tarde, vem a substituição por novas formas de criação. Assim é a humanidade. Assim continuará a ser, através dos tempos.

Verticalidade e horizontalidade. Uma boa abordagem e um bom tema para discussões intelectuais.

**Nelson Guimarães Preença**

*Professor Emérito da Faculdade de Ciências Médicas  
da Santa Casa de São Paulo, membro da  
Academia de Medicina de São Paulo e da  
Academia de Letras de Campos do Jordão*